



A MEMÓRIA, O BRINCAR E O TURISMO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

Mariane Tedesco¹

Orientadora Dra. Susana Gastal²

Universidade de Caxias do Sul

Resumo: A busca pela própria identidade, pelo destaque perante a sociedade é constante nos dias de hoje. Identidade é algo que todos querem ter. Muitos procuram no lugar errado essa tal de identidade, que afinal de contas está nas memórias, dentro de cada um. A essência de cada um é formada pela memória. A identidade pode ser trabalhada para que ela se desenvolva desde cedo, ainda nas crianças, para que cresçam mais capazes, mais instruídas, já que o mundo será delas no futuro. Podem-se propor várias formas para desenvolver identidades nos pequenos, uma delas é através do brincar ou até mesmo através do turismo. O turismo e o brincar, separadamente ou juntos, podem proporcionar um melhor desenvolvimento para o futuro adulto e para a formação de pessoas pensantes.

Palavras-chave: Turismo; Memória; Identidade; Lugar de Memória; Brincar.

1 Introdução

Todas as crianças, meninas e meninos, sem exceções já brincaram alguma vez na vida e, se não todas, a grande maioria deve lembrar alguns de seus lugares preferidos para brincar. Esses lugares guardam grande valor afetivo e tem espaço privilegiado na lembrança de qualquer indivíduo que um dia já brincou. A casinha de Barbie, a pista de carrinhos ou o sótão que era usado para brincar são todos lugares de memória. O brincar influencia na formação do que, no futuro, será lembrado como lugares de memória. Os brinquedos são os objetos de memória. No presente artigo o ponto de partida é algo um tanto misterioso, a memória, analisada através da revisão bibliográfica de três autores, Gastal (2002), Izquierdo (1995) e Costa (1981), que estudaram o assunto.

A partir da pergunta sobre o que seria memória, a primeira resposta vem do dicionário, que a define como uma lembrança, recordação, qualidade que a pessoa tem

¹ Acadêmica do curso de Turismo pela Universidade de Caxias do Sul, UCS. Email: mtedesco@ucs.br

² Professora Dra. do Curso de Turismo pela Universidade de Caxias do Sul, UCS. Email: susanagastal@gmail.com



de reter fatos, números, pessoas. Mas a memória é muito mais complexa do que a simples definição dicionarizada. São vários trabalhos e discussões que tratam do tema, que ainda guarda muitas perguntas sem respostas. Pelo pouco que a ciência ainda sabe, a memória é extremamente importante porque ela forma a base para a aprendizagem. Ela envolve um complexo mecanismo de lembranças, recordações e aprendizagens que ajudam a formar nossa identidade. Através dela, segundo Izquierdo (1995), sabemos quem somos. Nela guardamos o que aprendemos. Um povo sem memórias é um povo sem raízes. Partindo da memória chega-se a questão dos lugares de memória na formação de uma identidade e as contribuições que o turismo pode proporcionar.

2 Um mistério chamado memória

Ao sentir o cheiro de grama cortada, você pode lembrar-se do jardim de sua casa. Nesse caso, estará evocando uma lembrança guardada em sua memória. A memória, algo tão misterioso dentro de nós, pouco estudado ainda e tão complexo. Ainda não se sabe em que área do cérebro as lembranças ficam “guardada”. Há vários mistérios que envolvem os processos de memória e é muito difícil e caro estudá-la, pois o mapeamento e leitura do cérebro exigem equipamentos muito sofisticados e ainda faltam tecnologias. A maioria dos testes é feita com ratos, mas, por óbvio, eles são muito diferentes de um ser humano. Dessa maneira, estudar os processos de memória fica mais difícil. Por exemplo, não se sabe onde em nosso cérebro a memória de longo prazo, nossas recordações, é armazenada (IZQUIERDO, 1995).

Há ainda muito a ser estudado e desvendado sobre o assunto. Enquanto muitos pesquisadores correm atrás das soluções para os mistérios que cercam os estudos da memória, vive-se uma época em que ela parece já não ser mais tão importante. As inúmeras tecnologias da atualidade poderiam substituir a memória? É o que muitas estão fazendo. Já não é mais preciso saber o número de celular do amigo, está gravado no celular. Esquece-se justamente o que se sabe, porque se pensa poder encontrá-lo, por exemplo, no Google. Para quê memorizar números de telefone se os temos nas agendas eletrônicas em dois cliques, ou o significado de algo, se pesquisando na internet se descobre? Porém, os tempos de hoje pedem profissionais que consigam se destacar em



seu meio, e é a memória que garante um uso mais competente do cérebro. Não basta saber que encontraremos a informação que precisamos em dois cliques, pois se essa informação está fora de nós, ela não nos pertence porque não a resgatamos em todos os seus processos, e dessa maneira ela não contribuirá como uma forma para ampliar nossa capacidade de entendimento. A revista Galileu (agosto/2011) consultou Ed Cooke, especialista em memória, formado em Psicologia e Filosofia pela Universidade de Paris. Para ele: “Uma boa memória é importante para a identidade e percepção de mundo de qualquer um” (Cooke, 2011), a memória é muito mais do que informação armazenada. “Se você aprendeu sobre arquitetura, ao olhar para uma casa ela parecerá diferente de como pareceria antes de você saber estas coisas. Não adianta pegar este conhecimento e colocá-lo em seu iPhone. A casa não irá mudar.” (Cooke, 2011)

É a memória que nos faz ter identidade, como diz o médico pesquisador na área Ivan Izquierdo (in GASTAL, 1995, p.2): “Sou quem sou, porque me lembro de quem sou”. Cada pessoa tem sua identidade e sua memória, que são únicas. São nossas lembranças através de nossas memórias que nos fazem ser quem somos. Lembrança é uma evocação do passado e memória é a capacidade de reter, recuperar, armazenar e evocar informações disponíveis, seja internamente, no cérebro (memória humana), seja externamente, em dispositivos artificiais (memória artificial). Para Ivan Izquierdo a memória:

É a função cerebral mais misteriosa. É a função que envolve tudo o que se faz. Nós caminhamos porque aprendemos a caminhar e nos lembramos disto. Nós falamos, porque aprendemos a falar e nos lembramos. Em tudo o que se faça ou se deixe de fazer, de uma maneira ou de outra, a memória está envolvida. (in GASTAL, 1995, p.2)

Memória é à base do conhecimento, por isso deve ser trabalhada e estimulada. Uma vez que se aprende a andar de bicicleta nunca mais se esquece, mesmo que se fiquem anos sem praticar. É através da memória que damos significado ao cotidiano e acumulamos experiências para utilizar durante a vida. Um bebê nasce “oco” de conhecimento, conforme ele vai vivendo experiências, as acumula em forma de



memória. A memória possibilita que guardemos o tempo que se foi, mas também permite que projetemos o futuro, já que sem ela não poderíamos ter consciência do tempo, muito menos da nossa identidade. Na memória repousa tudo o que se é aprendido e que o esquecimento ainda não absorveu, lá se encontra o conhecimento. Sem memória não há História.

O turismo se aproveita muito da memória, que está envolvida principalmente no contar a história, do lugar, do objeto, do povo. Com a tendência de um turismo mais exclusivo, cada vez mais as pessoas ao viajarem buscam coisas diferentes e novas, e um novo olhar foi lançado para a identidade. Os pacotes turísticos prontos não dão conta do recado. O viajante já não quer a rotina do “tudo planejado”, e sim experiências diferentes nos lugares a serem visitados. Descobrir um novo jeito de olhar, de explorar, vivenciar o cotidiano dos moradores locais, o que se encontra nos guias de turismo já não satisfaz o novo turista. Busca-se cada vez mais conhecer o passado do lugar e sua população, que retém a memória, olhar de uma forma diferente e vivenciar profundamente aquela nova cultura.

3 Lugar de memória e o brincar

O parque da cidade, a casa antiga do bairro, o jardim onde as crianças brincavam, são todos lugares de memória. Lugares que de alguma forma marcaram e ainda marcam pessoas, que acumularam valores e se tornaram lugares de memória. A casa da avó ou a igreja, em ambos esses lugares, pessoas viveram partes de suas vidas ali, freqüentaram, criaram uma afetividade que guardaram nas lembranças com carinho.

O lugar de memória não é somente visto por seu valor como bem material, mas sim pelo seu valor imaterial para com a memória da sociedade. Qual a sua importância para com as pessoas? Que valor aquele local guarda? São perguntas que o lugar de memória deve responder. Naquela igreja aquele casal se casou, e para eles lá sempre será um lugar especial, cheio de recordações, de lembranças daquele dia especial, o seu lugar de memória. Essa igreja guarda muitas camadas de memórias, quantos casamentos, batizados, missas, não foram realizados ali. Quantas pessoas não choraram,



se emocionaram, sorriram nessa igreja. Essas memórias estão guardadas na comunidade que freqüentava este local.

Como na casa da avó, o cheirinho do bolo recém-assado, é uma lembrança que torna aquela casa notável. Assim como os momentos vividos lá, as sensações e os cheiros também ajudam a guardar memórias. O cheiro de grama cortada, da comida da mãe, do perfume do namorado, são todos odores associados a algo, há um lugar ou alguém. Nem sempre é uma associação boa, por vezes aquele perfume adocicado causa remorso ou raiva, por lembrar-se de algo ou alguém. Quando se pensa em pão quentinho a primeira coisa que vem há cabeça é o delicioso cheiro que ajuda a recordar do sabor do próprio pão. A mesma coisa acontece com o café, melhor que o gosto é seu cheiro. Então a formação da identidade tanto de um indivíduo ou comunidade se dá também a partir de cheiros.

O termo lugar de memória é recente, e propõe um novo olhar para o local. Nesse olhar busca-se ver todo o passado, todos os momentos, as histórias que foram vividas ali, toda a cultura que se acumulou nesse espaço. Mesmo com as mudanças que o tempo impõe esse lugar continuará tendo suas características e memórias, ninguém poderá apagar isso. Segundo GASTAL (2002, p.77.), as diferentes memórias estão:

[...] presentes no tecido urbano, transformando espaços em lugares únicos e com forte apelo afetivo para quem neles vive ou para quem os visita. Lugares que não apenas têm memória, mas que para grupos significativos da sociedade, transformam-se em verdadeiros lugares de memória.

Ainda segundo GASTAL (2002, p.78), podem-se propor quatro referências para os lugares de memória, “ele deverá significar para a comunidade valores cognitivos, valores formais, valores afetivos e valores pragmáticos.” Essas referências ajudam a criar o lugar de memória. São elas: *O valor cognitivo*: é os saberes acumulados, a receita do pão, os segredos do bordado; *o valor formal*: são as propriedades materiais, as festas locais, o interior das igrejas; *o valor afetivo*: são os sentimentos para com o lugar, a afeição, o gostar; *o valor pragmático*: é o lugar em plena utilização.

Um lugar de memória não precisa ser necessariamente um lugar velho e antigo, é mais importante seu valor cultural do que sua idade. Muitos lugares antigos que

poderiam ser lugares de memória estão abandonados e sem identidade, e acabarão sendo perdidos quanto ao seu valor cultural e conseqüentemente esquecidos pela sociedade.

O lugar de memória existe onde o simples registro acaba. Ele é o registro e aquilo que o transcende, é o sentido simbólico inscrito no próprio registro. Esses lugares são os espaços onde a memória se fixou e servem como uma nova forma de apreender a memória que não nos é natural, pois não vivemos mais o que eles representam e que são apropriados pela história como fonte. São, portanto, locais materiais e imateriais onde se cristalizaram a memória de uma sociedade, de uma nação, locais onde grupos ou povos se identificam ou se reconhecem, possibilitando existir um sentimento de formação da identidade e de pertencimento. (COSTA, 2006.).

O brincar e as brincadeiras podem se constituir em lugares de memória. Na brincadeira de Barbie, primeiro era feito a escolha da boneca, cada menina escolhia a sua e lhe dava um nome. Em seguida se escolhia o local, uma rápida volta pela casa era suficiente para se encontrar o melhor cômodo, móvel ou mesmo o melhor canto para ser a casinha, isso se ela já não existisse. Feito tudo isso a imaginação assumia seu papel. Que menina nunca viveu uma cena parecida? Somente quem nunca brincou com bonecas. A brincadeira é algo comum e extremamente normal, além de ser um direito das crianças.

A criança deve ter todas as possibilidades de entregar-se aos jogos e às atividades recreativas, que devem ser orientadas para os fins visados pela educação; a sociedade e os poderes públicos devem esforçar-se por favorecer o gozo deste direito. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA 1959)

Estranho seria a criança que não brincasse. Já cantava o grupo molejo “brincar de pique-esconde pique-cola e de pique-tá, tá, tá, tá, tá (...) brincadeira de criança como é bom, como é bom, guardo ainda na lembrança (...)”. Brincar de carrinho, de Barbie, fazendinha, bolinha de gude... As brincadeiras são inúmeras e cada um tem a sua preferida. Mas o brincar é muito mais do que o “somente brincar”. Brincar estimula, educa, exige, faz desenvolver a criatividade, faz pensar e principalmente cria identidade. Muito se fala na má qualidade da educação brasileira, mas seria melhor não generalizar essa afirmação. Por sua vasta extensão o Brasil acaba tendo várias realidades. A educação do país realmente não serve de exemplo por não ser “das melhores”. Um dos principais problemas é que o brasileiro não é estimulado a pensar, a ter sua própria opinião, há criar argumentos. Ganha-se tudo mastigado. A informação é fornecida



pronta, moldada por quem a tem. E esses moldes nem sempre são verdadeiros. Provavelmente esse problema vem dos tempos medievais, onde se trancavam a sete chaves as bibliotecas, e quem tinha acesso à leitura e a escrita eram poucos como o clero e a nobreza. Quem detém o conhecimento detém o poder.

A educação, porém não se dá somente nas escolas, mas também em casa. Desde pequenas as crianças são moldadas a uma forma, que é diferente em cada cultura. Aprende-se que é preciso ajudar a mãe nos serviços domésticos, que se deve ficar quieto quando os adultos estão conversando, que casamento é algo essencial, assim como ter filhos. É uma série de regras prontas que devem ser seguidas, pré-impostas pela sociedade. Mas de que forma isso estimula pessoas pensantes? Não se está criando um exército de Joãos ou Marias?

Ensina-se, por exemplo, em algumas religiões que existe o céu e o inferno. Se você seguir uma vida com princípios éticos e fizer sempre o bem terá um lugarzinho ao lado de Javé no céu. Por outro lado, o oposto te levaria as chamas do inferno. Simples não? Mas será mesmo? Será que o que muitas religiões pregam é realmente verdade? Ou apenas se impõe algo pré-definido que deve ser seguido, mesmo se não for “tão” verdade assim. Qual o argumento para uma mulher usar somente saia? Calças são impróprias? Por quê? Precisa-se urgentemente acabar com certos parasitas que impregnam a sociedade e que desestimulam a formação da identidade individual, assim com mudar paradigmas, e modos de pensar.

Aprendemos desde pequenos o que é certo e errado, o que se pode ou não fazer, mas não questionamos por que disso. Falta o ato de refletir, de pensar. É precioso o trabalho de pensar. Sem ideias e opiniões não se vai à parte alguma. A brincadeira por si só estimula o pensamento e a formação de ideias. Nas brincadeiras se criam as próprias regras, se usa a imaginação para se inventar personagens, lugares, situações, etc. Brincar de Barbie é um exemplo, as bonecas assumem vários personagens, em uma mesma brincadeira. Os lugares onde se brinca mudam de forma, o sofá passa a ser o supermercado, a estante da sala a biblioteca, a escada vira escola, imaginação é o que não falta. Uma tampinha de garrafa se transforma em panela, uma caixinha de chá vazia vira um baú, e há ainda os móveis, roupas, acessórios, carros, tudo improvisado. O



impossível não se conhece, tudo é possível. A brincadeira pode estar acontecendo no tapete da sala, mas na verdade aquele tapete é a superfície da lua, ou um campo florido da Holanda, com a imaginação se pode ir longe, pode-se conhecer o mundo inteiro sem sair do lugar.

Brincar possibilita várias formas e também cria lugares de memória. Quem irá esquecer-se do lugar onde brincava na infância? Da casinha de bonecas no canto da garagem. Da fazendinha em baixo do parreiral. Da pista de carrinhos no jardim. Do pé de goiabeira no jardim. São todos lugares com grande valor afetivo e que podem ser considerados lugares de memória, pois acumulam uma grande cultura.

A cultura é o resultado de um trabalho que acumulou conhecimento, gerou um produto que tem valor simbólico para uma sociedade ou simplesmente para um único indivíduo. O ato de brincar de boneca é cultura, pois retoma desde a criação do material para se fabricar a boneca, até sua fase final, quando chega às mãos de uma menina e dessa criam-se vários frutos de sua imaginação.

Lugares de memória envolvem acima de tudo cultura acumulada, assim pode-se considerar, por exemplo, uma casinha de bonecas um lugar de memória. Para sempre a dona da casinha, mesmo depois de adulta, guardará um sentimento bom em relação à mesma. Momentos felizes vividos ali serão lembrados. Quantas horas a criança não dedicou a sua casinha? Horas arrumando, mudando a decoração, inventando coisas novas. Quantas brincadeiras e personagens diferentes não passaram por lá? Há quantos lugares diferentes essa casinha não pertenceu? Uma rua movimentada de Londres, uma fazenda no interior, uma simples vila de pescadores, quando na verdade estava sempre no mesmo lugar, no canto da garagem. A afetividade para com essa casinha por sua dona sempre existirá guardada em lembranças, mesmo que a própria casinha não exista mais. E com toda a certeza a identidade da criança que passou horas a fio a brincar, seja de boneca ou carrinho, começou a se desenvolver. O simples fato de brincar, algo tão corriqueiro que para alguns não tem importância, pode ajudar a “construir” uma pessoa melhor.



4 Considerações finais

O turismo é um deslocamento de pessoas para lugares distintos de onde vivem, por um período inferior a um ano, por vários motivos sejam eles lazer, negócios, curiosidade e outros. Embora não haja uma única definição, essa é apenas uma das muitas que o termo turismo pode receber, já que não existe um conceito único sobre o tema. Mas para muitos o turismo é basicamente o viajar. Do viajar, criam-se muitos produtos diretamente relacionados com o turismo, que possui um campo muito vasto de possibilidades.

A cultura é um produto bastante trabalhado no turismo. Geralmente em lugares históricos, patrimônios, cidades, museus, faz-se o uso dela, onde quase sempre, basicamente ela é o produto mais importante no contexto. Como nos museus, que nada mais são do que lugares onde estão guardadas memórias. Cada município tem o seu, e é nele que a história do local geralmente é contada. O museu concentra camadas de memória, que se acumularam durante os anos, que ajudam a formar a identidade daquele lugar.

Geralmente cada localidade tem seus lugares de memória que podem ganhar destaque no turismo. A cultura como atrativo turístico é muito explorada. O turismo cultural é uma das formas de turismo mais procuradas e difundidas entre os viajantes, desde o Grand Tour³ até os dias atuais. O *city tour* é o maior exemplo disso, ele é um passeio pela cidade nos seus pontos mais importantes. Basicamente um passeio pelos lugares de memória da cidade. Conta-se a história do local, revivendo fatos que dão identidade à cidade visitada.

Nesse mundo de inúmeras possibilidades, que é o turismo, as crianças são grandes impulsionadoras do mercado turístico. Afinal de conta, os pais não poderão viajar e abandonar seus filhos em casa, ou na rua como se faz com muitos cachorros. A partir do momento em que se é responsável por outro indivíduo ele pesa nas escolhas gerando conseqüências. Assim ao programarem uma viagem, os pais esperam encontrar um hotel que ofereça, entre outras comodidades, entretenimento para seus filhos. Uma área propícia para as brincadeiras, cadeiras no restaurante para bebês e muitos outros

³ Viagens com fins culturais realizadas por jovens aristocráticos, do século 18, na Europa.



detalhes são levados em consideração quando se planeja uma viagem com crianças. A principal influência é na própria escolha do destino para onde a viagem será realizada. Com certeza um casal com filhos irá preferir um parque de diversões para entreter os pequenos do que uma vinícola.

Propõe-se criar produtos a partir da cultura também para crianças, para que elas também possam usufruir do conhecimento gerado por ela. Como consequência desde pequenos os novos cidadãos poderão usufruir da experiência gerada através de choques de diferentes formas de pensar, interagir e modos de fazer. A cultura como produto para crianças pode ser pensada tanto no turismo de lazer, no turismo cultural, no turismo pedagógico ou em qualquer outro segmento do turismo.

Há inúmeras atrações, espalhadas pelo mundo, que envolvem o brincar, desde parques de diversões até a pracinha de areia da cidade. Os parques temáticos são um dos produtos mais conhecidos para o lazer em família. Os museus, geralmente relacionados pelas crianças como coisas velhas e chatas também podem entretê-las. O Museu do Brinquedo em Zurique na Alemanha, não pode ser classificado como chato pelos pequenos, ele exhibe mais de 1.200 brinquedos antigos de todas as partes da Europa, qualquer criança ficaria fascinada em visitá-lo. Os museus não precisam ser vistos como um programa chato de fim de semana, eles tem muitos benefícios a oferecer como a formação da identidade de um indivíduo a partir de perspectivas de uma nova cultura. Museus além de serem lugares que preservam e divulgam o patrimônio cultural são instrumentos de construção de identidades coletivas, tanto de adultos como de crianças. Outra forma de estimular o aprendizado de novas culturas pode ser através de acampamentos de férias, forma de viagem muito difundida nos países da América do Norte. Fazer as malas, entrar no ônibus e dar adeus à rotina, pelo menos por alguns dias. Viver coisas novas, curtir aventuras, fazer novas amizades, acumular novidades, histórias e fotos. O mundo mágico do acampamento de férias pode ser muito emocionante para crianças, adolescentes e jovens. Além de viajar longe dos olhos dos pais, que por si só já é uma grande aventura, dependendo do lugar escolhido, também é possível viver momentos incríveis e inesquecíveis. Além da independência, os acampamentos estimulam muitas atividades e proporcionam várias brincadeiras



baseadas em temas instrutivos e criativos. Também são oferecidos passeios, esportes e atividades que levam as crianças ao conhecimento, a criatividade, ao uso do raciocínio e a capacidade de trabalhar e se relacionar em grupo.

Através de diversas formas pode-se acumular cultura que é o essencial para o desenvolvimento de uma identidade. Estimular essa busca pelo saber nas crianças é o primeiro passo. Incentivar a criação da identidade é uma peça chave para o futuro da criança. O olhar de um jeito diferente que é proposto pelo turismo, pode ser incorporado para outras situações do dia a dia, para que desde pequenas as crianças possam ver várias possibilidades em uma mesma situação, em um mesmo acontecimento, para que possam se desenvolver melhor, serem autossuficientes, capazes de pensar e terem opiniões próprias. Quer seja em um passeio pelo museu ou em uma brincadeira na casinha de bonecas, ou seja, em uma viagem ou em um lugar de memória o pequeno futuro indivíduo está se moldando. É ele que será o adulto amanhã, que estará comandando empresas, criando tecnologias, mudando o mundo. É nele que se deve prestar atenção. É para ele que todo o “agora” ficará, a praça da cidade, o lixo jogado na rua, o museu cheio de velharias e preciosidades. É a construção do arbítrio dele que deve ser moldada para que no amanhã não se tenham apenas leitores de informação, mas sim formadores de opinião. O resultado: adultos mais capazes e mais pensantes, que devem estar desde agora desenvolvendo seu potencial; mesmo que “agora” eles só o usem em suas inventarias brincadeiras nas casinhas de bonecas, em seus lugares de memórias.

Referências

COSTA, R. Artigo publicado em LAUAND, Jean (org.). **Filosofia e Educação – Estudos**, ed.8, São Paulo, p. 81-89, 2008.

COSTA, R. **História e Memória**. *Revista Sinais*, v.1, p. 2-15, 1981.

GASTAL, S. **Lugar de Memória, por uma aproximação ao patrimônio cultural**. In: GASTAL, Susana. (Org.). *Turismo, investigação e crítica*. São Paulo: Contexto, 2002, v. p. 69-81.



GASTAL, S. (Entrevista) IVAN ANTONIO IZQUIERDO: **É a memória que nos dá identidade.** Revista Porto&Vírgula, Porto Alegre, p. 2 - 9, 01 ago. 1995.

PONTES, F. **Memória Turbinada.** Revista Galileu, n. 241, p.19-25, ago./2011.